

## USOS E IMAGENS SOBRE OS CABELOS CRESPOS DAS MULHERES NEGRAS

*Luane Bento dos Santos*

*Mestranda em Relações Etnicorraciais no CEFET-RJ*

### **Resumo**

O presente trabalho tem como objetivo “investigar” as representações sociais que se realizam sobre o cabelo crespo da mulher negra. Entendendo que o cabelo do negro está no jogo identitário marcado como importante símbolo político e corpóreo, sendo percebido por muitos negros (ativistas e intelectuais) na atualidade, enquanto um dos principais elementos de construção das identidades negras. Realiza o estudo a partir de etnografia, entrevista e levantamentos bibliográficos. Apresenta uma breve discussão sobre os processos de racismo e discriminações em torno dos cabelos crespos dos negros. Aponta como estes processos criam imagens “estigmatizadas” sobre a corporeidade negra, principalmente sobre os cabelos e cor da pele. Utiliza-se de conceitos como identidade, identificação, diferença, representação e processos culturais.

**Palavras-chaves:** Identidade negra, Cabelo, Representação Social.

### **Abstract**

The present paper aims to “investigate” the social representation that over the curly hair of black women. Understanding that the hair of black identity in the game is marked as an important political symbol and body, being perceived by many blacks (activists and intellectuals) today, as major construction elements of black identities. Performs study from ethnography, interviews and literature surveys. Presents a brief discussion of the processes of racism and discrimination around the black curly hair. It indicates how theses processes create images “stigms” black corporeality, especially on the hair and

skin color. It uses concepts such as identity, difference, representation and cultural processes.

**Keywords:** Black Identity, Hair, Social.

O cabelo é utilizado publicamente para comunicar uma variedade de sentidos sociais e pode estar diretamente relacionado às demarcações e às internas delimitações hierárquicas das sociedades [...] Sendo um dos símbolos mais poderosos de identidade individual e social o cabelo consolida o significado do seu poder, primeiro porque é físico e extremamente pessoal; segundo porque apesar de pessoal é também público, muito mais do que privado. As efetivas hierarquias sociais podem ser simbolizadas por intermédio das formas de capilaridade que os indivíduos portam. Gênero ocupação, idade, fé, status socioeconômicos e até mesmo orientação política, além de disposições e gostos pessoais que não deixam de remeter às classes sociais - significam posições na gramática social, radicando-se nas relações de força inerentes às relações pessoais e institucionais (SABINO, 2007 p.116,117).

O cabelo da cabeça tem sido visto em muitos estudos antropológicos como um elemento importante de construção corporal. Sabino destaca sua posição, enquanto forte marcado social. Para Sabino, o cabelo exerce na sociedade uma comunicação de linguagem, expressando símbolos de hierarquia social, distinção de gênero e classe, posição religiosa entre outros papéis sociais.

De modo geral, podemos visualizar em quase todas as culturas o cabelo da cabeça como elemento permeado de linguagens e sentidos para os grupos. Segundo Leach:

A arte do penteado é objeto de elaboração ritualística. Quais são os mecanismos [...] dessa atuação. O que significa o comportamento do cabelo? (LEACH, 1983, p.145).

Se o cabelo opera como forte elemento constitutivo da identidade corpórea individual e coletiva, como podemos pensar a relação do cabelo crespo dos negros na sociedade brasileira. Sabemos que no Brasil as relações sociais etnicorraciais são de naturezas conflituosas e escondidas sobre a vulgaridade de racismo mascarado como nos fala Guimarães (2000). Nossa sociedade vivência um mito fundacional pautado na

ideia de integração e subserviência de negros e índios sobre a ordem ideológica de colonizadores portugueses. Como retrata Sodré:

Persiste ainda hoje a utopia civilizatória da Europa. Após cinco séculos de colonização da América, os europeus-diretamente ou por meio das elites nacionais mediadoras [...] continuam reproduzindo o discurso de enaltecimento de seu valor universalista, como garantia da colonialidade do poder. Costuma-se esquecer o genocídio “ fundador” [...] mas igualmente o fato de que o desenvolvimento econômico, o progresso, a modernização tecnológica (cujos parâmetros de realização partem da civilização européia) impõem a amplas parcelas populacionais com efeitos tão ou mais radicais do que os primeiros genocídios (SODRÉ, 1999, p.33)

Sobre a égide do legado colonizante (SODRÉ, 1999) o negro brasileiro experimenta em seu cotidiano diversas formas de discriminação e racismo como demonstram vários estudos sobre nossas relações raciais<sup>1</sup>. Nesse sentido, o que os usos dados aos cabelos crespos pelos negro nos apresentam de importante para a compreensão da dinâmica cultural do racismo, assim como da identidade cultural negra?

Sabemos, de acordo com os estudos de Gomes(2006) e Lody (2004) que para os grupos africanos trazidos para as Américas como escravizados no período colonial, o cabelo representava um bem social de natureza espiritual, hierárquica e de outras distinções sociais. E que com a colonização o cabelo ganhou outros valores, tais como negativo e positivo para os descendentes de africanos. Por isso é preciso investigar quais representações de cabelo estão presentes no imaginário atual de negros e negras.

O presente trabalho é resultado de minha monografia de graduação em Ciências Sociais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro-UERJ intitulada: “Para ficar bonita tem que sofrer!”: a construção de identidade capilar para mulheres negras no nível superior (2010). Teve como objeto de pesquisa mulheres negras inseridas no nível superior. A pesquisa teve como objetivo tentar “captar” de qual forma as mulheres negras atribuíam valores sociais a seus cabelos quando crespo. Para isso foram realizado cerca de 15 entrevistas com mulheres negras de qualquer idade, classe social, religião, sexualidade e curso de graduação. As entrevistadas se auto declararam negras, o universo da pesquisa entrevistou mulheres negras oriundas de movimentos sociais negros e mulheres negras sem nenhum tipo de inserção a movimentos sociais negros ou

---

1 GUIMARÃES, Antonio Sérgio; HUNTLEY, Lynn. (orgs). Tirando a máscara. Ensaio sobre racismo no Brasil. São Paulo: Paz e Terra, 2000, GOMES, Nilma Lino; Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou ressignificação cultural? *Revista Brasileira de Educação, Campinas*, n.21, p.40-51, set/out/nov/dez. 2002; SANTOS, Luane Bento dos. “Para ficar bonita tem que sofrer!” : A construção de identidade capilar para mulheres negras no Nível Superior. 2010. Monografia. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

outros. A maioria das entrevistadas eram de universidades públicas. As entrevistadas selecionadas eram mulheres com graduação e na graduação. A grande maioria eram oriundas da Universidade Federal Fluminense-UFF, Universidade do Estado do Rio de Janeiro-UERJ, Universidade Federal do Rio de Janeiro-UNIRIO e Universidade Federal do Rio de Janeiro-UFRJ. A metodologia de trabalho teve como ferramenta de investigação roteiro de entrevista com perguntas semi-estruturadas: abertas e fechadas, história de vida e observação participante em grupos de mulheres negras ativistas do movimento negro.

Os resultados das entrevistas demonstraram que o cabelo crespo para as mulheres negras tem grande significado na construção de suas identidades corpóreas, assim como na construção de sua autoestima. Percebemos que sobre o cabelo se construíram diversas formas de identidades, no entanto prevalecendo na maioria dos discursos, em algum momento da vida das entrevistadas uma forte identidade negativa sobre os cabelos crespos.

Os resultados apresentados neste artigo são ideias parciais da etnografia realizada para o escrito da monografia de graduação. Contudo, são de extrema relevância para entendimento da complexidade que são a relação de mulheres negras com seus cabelos. Esse trabalho se propõe a descortinar perspectivas essencialistas entorno dos cabelos das mulheres negras. Consideramos como perspectivas essencialistas pensamentos que atribuem um grau de negatividade ao cabelo crespo negro, como pensamentos que condicionam a consciência política negra a esfera, apenas da apresentação do cabelo crespo em sua textura “natural”.

### **As identidades negras brasileiras.**

As identidades negras brasileiras são oriundas de diversas culturas africanas que aqui aportaram com o tráfico de escravos. Falar em identidades negras é entender que elas ocorrem de várias formas, uma das maneiras mais fácil de ilustrar esse fenômeno é através da diversificação cultural das danças e religiões consideradas afro: Jongo, Congo, Coco, Tambor de Crioula, Maracatu, entre outras danças. Assim como no meio religioso o Candomblé, o Xangô, o Catimbó, a Umbanda e o Vodun são originárias dessa presença africana no Brasil.

Os negros<sup>2</sup> brasileiros criaram várias formas de identidades e no que foi possível tentaram preservar e recriar símbolos, histórias e tradições que relembram sua trajetória de saída de África. Nas considerações de Sodré:

É preciso deixar bem claro que não se tratou jamais de *uma* cultura negra fundadora ou originária que aqui se tenha instalado para, funcionalmente, servir de campo de resistência. Para cá vieram dispositivos culturais correspondentes às várias nações ou etnias dos escravos arrebatados à África entre séculos os séculos XVI e XIX. Tais culturas já conheciam mudanças no próprio continente africano em função das reorganizações territoriais e das transformações civilizatórias (substituições de antigos reinos e impérios por dispositivos políticos de natureza estatal), precipitadas pelas estruturas de escravo montadas pelos europeus.

No Brasil, as mudanças são evidentemente radicais. Desde o início, os *senhores* (proprietários) evitavam reunir grande número de escravos de uma mesma etnia, estimulavam as rivalidades étnicas e desfavoreciam a constituição de famílias. Os folguedos, as danças, os *batuques* —a “brincadeira” negra— eram permitidos (e até mesmo aconselhados por jesuítas), tanto por implicarem em válvulas de escape com por acentuarem as diferenças entre diversas nações.

Entretanto, nesse espaço permitido, porque inofensivo dentro da perspectiva branca, os negros reviviam clandestinamente os ritos, cultuavam deuses e retomavam a linha de relacionamento comunitário. Já se evidencia aí a estratégia africana de jogar com as ambiguidades do sistema, de agir nos interstícios da coerência ideológica. A cultura negro-brasileira emergia tanto de formas originárias quanto dos vazios suscitados pelos limites da ordem ideológica (SODRÉ, 1983, pp.123-124)

As culturas negras fazem parte desse conjunto de culturas que simbolizam a identidade nacional. No entanto como a identidade nacional é elitizada, e apenas ressalta a contribuição do colonizador as culturas negras são vistas em segundo plano.

A identidade brasileira é composta por inúmeros elementos das sociedades africanas trazidos pelos povos africanos,

(...) estruturas hierárquicas, administrativas, jurídicas e classificações sociais. Os avanços tecnológicos alcançados no continente africano, como as plantações com tecnologias avançadas para época, a criação de gado, a metalurgia, o comércio, a escrita, as formas de manifestação artísticas e o urbanismo utilizado nos centros urbanos forneceram mão-de-obra especializada para aqueles que compravam mão de obra escrava. Além das formas de organização política, as distribuições territoriais e as diferentes formas de elaboração intelectual constituem heranças importantes no processo de incorporação da população africanizada escravizada à população do Estado em formação (SANTOS, 2006)

Sem os elementos das culturas africanas o Estado que conhecemos seria outro, no entanto, não são abordados como constitutivos em prol dos referenciais oficiais. Tal como a história de Portugal em quase todo o processo antes “Descobrimento do Brasil”

---

<sup>2</sup> A palavra negro será usada para designar uma parte da população composta por pessoas que se autocalificam como negras e são classificadas no censo como pretas ou pardas. Negro, nesse trabalho, segue as definições do IBGE “preto e pardo”.

e no processo de Metrópole Brasileira difundidos nos níveis escolares Fundamental e Médio (Lei 10.639/2003) .

A identidade negra como qualquer identidade acontece no processo de contraste, na situação em que haja diferença. Ela comumente ocorre nos processo de conflitos e discriminações, precisa do diferente para existir e o diferente no caso é o branco. Mas como uma identidade subjugada ela opera nas transformações do cenário político porque a partir do momento em que é estabelecida transforma paradigmas. Ela é mais um dos pontos críticos para a “crise da identidade moderna”.

Ela faz parte daquelas identidades, que começam a aparecer pelas vozes de intelectuais negros e negras no contexto acadêmico provocando modificações no campo científico. Para Santos:

Muitos teóricos nas Ciências Sociais têm discutido sobre uma possível “crise da identidade” no mundo contemporâneo, mas como mostra Hall (2001) em “Identidade cultural na pós-modernidade”, o que está ocorrendo não é exatamente uma crise e sim processos de deslocamentos ocasionados por mudanças estruturais nos centros sociais. Essas mudanças, oriundas da Modernidade tardia, trazem para o ambiente acadêmico a necessidade de se repensar formas, abordagens e conceitualizações de termos como identidade. Não basta conceitualizar identidade como elemento representativo da cultura nacional de um povo. É necessário entender as diversas formas de identidades (gênero, raça, etnia, religião, nação) que estão aparecendo através da fala dos “estudados”, de suas produções científicas que visam reivindicar outras formas de cientificidade, de “episteme” e conhecimento(SANTOS, 2010, p.12)

### **Os movimentos sociais negros e o simbolismo político dado aos cabelos crespos.**

A modernidade negra (GUIMARÃES, 2003)<sup>3</sup> trouxe inúmeras questões para o cenário político global-local. Uma delas foi a afirmação da identidade negra através de uma estética corporal (indumentária) considerada mais "*africana*". O cabelo crespo do negro foi um dos elementos "*significantes*" dessa trajetória de elaboração identitária, marcada, expressivamente da década de sessenta do século vinte com os movimentos de Direitos Civis estadunidense e, principalmente pelo movimento Black Panter (Panteras

---

3 Nas considerações de Guimarães (2003) a modernidade negra seria,

Portanto, a modernidade negra se inicia, de fato, com a abolição da escravatura, nos meados do século XIX. Significa, em termos bastante gerais, a incorporação dos negros ao Ocidente enquanto ocidentais civilizados e acontece em dois tempos que às vezes coincidem, às vezes não: um primeiro, em que muda a representação dos negros pelos ocidentais, principalmente através da arte, fruto intelectual do mal-estar provocado pelas guerras e pelas lutas de classe na Europa; o segundo se inicia com a representação positiva de si, feita por negros para si e para os ocidentais (Guimarães, 2003: 42).

Negras), que considerava o cabelo alisado do negro como reflexo de uma mentalidade colonial;

Durante os anos 1960, os negros que trabalhavam ativamente para criticar, desafiar e alterar o racismo branco sinalizavam a obsessão dos negros com os cabelos lisos como um reflexo da mentalidade colonizada. Foi nesse momento em que os penteados afro, principalmente o *black*, entraram na moda como símbolo de resistência cultural à opressão racista e foram considerados uma celebração da condição de negros(a). Os penteados naturais eram associados à militância política. Muitos (as) jovens negros (as), quando pararam de alisar o cabelo, perceberam o valor político atribuído ao cabelo alisado como sinal de reverência e conformidade frente às expectativas da sociedade. *Há nesse período histórico, um importante momento de exaltação do cabelo crespo negro.* (HOOCKS, 2005, p.3, grifos nossos)

Sobretudo, na década de setenta, há a eclosão das discussões sobre o Apartheid no cenário mundial. Nasce o movimento de Consciência Negra com Stevie Biko na África do Sul, propondo o fim da subalternização racial de negros para com brancos e a formulação de uma identidade negra consciente, que valoriza sua história resgatando suas memórias.

Os movimentos negros oriundos da década de setenta, a partir da divulgação dos ideais de consciência negra, têm como preocupação negar toda a rejeição introjetada pelo processo de escravidão e colonização. Criam um orgulho em ser negro dando valorização a cor da pele, traços físicos como boca, nariz e cabelos (sinais diacríticos no caso). O corpo negro nesse período é visto como lugar de desconstrução de estereótipos e construção de “*beleza negra*”. O cabelo crespo é valorizado em sua textura natural, no modelo “*black power*” há um apelo pelo estilo. Todo o manuseio do cabelo crespo negro tem em vista uma ligação imaginada com a ancestralidade africana, com a “Mãe África”<sup>4</sup> (GOMES, 2006).

Na atualidade o cabelo crespo do negro está cercado de significados nas relações sociais, isso porque nossa atualidade é resultado de um processo histórico que marcou, brutalmente o corpo negro (o corpo que mais carregava as “*marcas*”<sup>5</sup> da ascendência africana). Não foi apenas um recurso “*festivo*”<sup>6</sup> o uso de cabelos “*naturais*” na década de sessenta e setenta. Todavia, um ponto e foco político de negros indignados pelo julgo do racismo; em todas partes das Américas; em que ocorreram o processo de

---

4“Olhar para África na tentativa de recuperar valores, referenciais artísticos, culturais, estéticos através de um resgate da ancestralidade africana. A civilização africana aparece, então, como um mito e traz ao negro brasileiro a possibilidade de ser visto sem a marca da coisificação e da negação, ou seja, de ser visto como humano.” (GOMES, 2006, p.162).

5 O sentido de marca aqui é baseado nas considerações de Oracy Nogueira sobre preconceito de marca e preconceito de origem.

6 Considero que o uso do cabelo crespo em sua interpretação afro pelos sujeitos no período abordado não foi festivo, no sentido de banalidade. Existe nesse período toda uma argumentação política para o uso do cabelo. A festividade está embutida de contestação e não festividade sem conteúdo político notório.

diáspora africana (GOMES, 2006) e em países africanos que estavam em processo de independência. O corpo foi simbolizado como objeto político. Portanto, é preciso nos empossarmos de um olhar atento para analisar o uso do cabelo na atualidade. O que realmente ele tem a nos dizer sobre as relações etnicorraciais atuais? Mas devemos lembrar que esse corpo negro foi tratado como relata a história por muitas formas de crueldades e castigos. Nas falas de Lobo (2008),

O regime escravista dava ao senhor o poder incondicional sobre o corpo do cativo, a não ser por algumas restrições legais como nos casos de morte e excesso de maus-tratos, mas que, uma vez praticados, ficavam quase sempre impunes. Ainda que restrita às relações entre senhor e escravo, a ação privada praticada pelo feitor ou pelo próprio dono era exibida aos outros escravos como exemplo. Os gritos que provocava não eram abafados como vergonhosos. Ao contrário, ecoavam nas ruas, nas fazendas, nos campos. Tampouco se evitavam as marcas no corpo, as lesões e as cicatrizes — elas formavam o desenho de uma escrita sobre o comportamento dos escravos como instrumento de trabalho. Os anúncios de jornais em busca dos fugidos descreviam com minúcias as dessas lesões. Eram os sinais de identidade e de “carteira de trabalho” do escravo. [...] O castigo corporal foi o mais importante dos três Ps para a manutenção do regime escravista. O castigo punia faltas cometidas, servia de exemplo e admoestação, e poderia ser aplicado apenas como medida preventiva para futuras rebeldias-uma forma educativa inicial de dobrar o corpo para a obediência [...] Como prática corrente no Brasil até o século XIX, o castigo corporal era admitido como pena para certos crimes julgados, como punição pelos senhores das faltas de seus escravos, e mesmo nas escolas de bom nome, como medida disciplinar. Era mais frequente quando se tratava dos escravos, porque para estes o castigo não era somente prerrogativa da justiça, mas ficava também ao arbítrio do proprietário.

Segundo Gomes (2006),

Por aproximadamente quatrocentos anos, uma estimativa de vinte milhões de homens, mulheres, crianças foram removidos à força das suas casa e arrastados para o mercado de escravos de maneira desonrosa. Os cativos eram vendidos para comerciantes de escravos europeus e arábés. A maioria dos escravos estava entre dez e vinte quatro anos e levada da África Central e Ocidental. Mais tarde, os habitantes do Senegal, da Gâmbia, de Serra Leoa, de Gana e da Nigéria também foram muito procurados graças às suas habilidades especiais na agricultura, na feitura de jóias, na tecelagem do algodão e trabalhos com madeira.

Nesse processo de escravização, a primeira coisa que os comerciantes de escravos faziam com sua carga humana era raspar a cabeça, se isso já não tinha sido feito pelos seus captores. Era uma tremenda humilhação para um africano ser capturado por um membro de outra etnia ou por um mercador de escravos e ter seu cabelo e sua barba raspados, dando-lhe a aparência de um prisioneiro de guerra. Nesse sentido, quanto mais elementos simbólicos fossem retirados, capazes de abalar a auto-estima dos cativos, mais os colonizadores criavam condições propícias para alcançar com sucesso a empreitada comercial. [...] A cabeça raspada era uma das estratégias dos colonizadores europeus na tentativa de erradicar a cultura dos africanos escravizados, alterando radicalmente a sua relação com o cabelo. (GOMES, 2004, p.359)

Os sujeitos negros da contemporaneidade são herdeiros de trágica história,



anulada e silenciada pelas instituições de poder. Negros e negras brasileiros e das Américas carregam uma herança africana marcada, indiscriminadamente em suas aparências. São possuidores de uma herança não econômica por motivos óbvios, todavia cultural, ressignificada porém não apagada. Para Gomes:

A identidade do africano continuou inscrita no seu corpo, no seu cabelo, nas suas crenças, na sua cultura. Mesmo que não lhe fosse permitido esculpir e adornar majestosamente os seus cabelos, essa prática continuou guardada na memória [...]. Os africanos escravizados não perderam seu objetivo de enfeitar os cabelos e fazer deles uma assinatura., no decorrer dos anos, o contato com os brancos e outros povos do Novo Mundo trouxe para o negro e para a negra maneiras diferentes de lidar com o cabelo. Dos penteados elaborados, repletos de simbologia até a imitação do estilo de cabelo dos brancos adaptada aos cachos do cabelo crespo, uma longa história de transformação foi sendo, aos poucos, construída, da qual somos hoje herdeiros (GOMES, 2004, p.360).

### **Representações e imagens sobre o corpo/cabelo negro dentro das instituições.**

A identidade é construída na diferença é nela que as culturas demarcam seu espaço territorial. Toda forma de identidade é relacional. A identidade de um indivíduo só existe perante a relação com outro indivíduo. A identidade é social e permeada pela diferença sobre o outro. Dentro dos paradigmas de construção identitária *“O corpo é um dos locais envolvidos no estabelecimento das fronteiras que definem quem somos servindo de fundamento para a identidade”* (WOODWARD, 2000, p.15). Nesse sentido, o corpo no processo identitário distingue os indivíduos, representa suas culturas, suas tradições e seus processos históricos. E na construção das identidades serve como local de representação simbólica emitido a posição que o indivíduo ocupa na sociedade. (SANTOS, 2010) . E dentro da cultura o corpo é um instrumento técnico, permeado pela imposição cultural. Segundo Mauss, o corpo é:

O primeiro e o mais natural instrumento do homem. O mais exatamente, sem falar de instrumento, o primeiro e mais natural objeto técnico, e ao mesmo tempo meio técnico do homem é seu corpo (MAUSS, 1974, p.217).

No contexto da sociedade brasileira, o corpo negro é visto como muito diferente do corpo considerado branco (NOGUEIRA, 1985; INOCÊNCIO, 2005). E suas características são marcadas, a todo o momento, como elementos de inferioridade. Nas palavras de Inocêncio (2006, p.189):

Na cultura visual brasileira, o corpo negro aparece como antítese do que se imagina como normal. É um corpo cuja representação está associada ao que há mais de caricato, como se ele existisse, justamente para demonstrar o contrário do humano. O corpo amedronta, porque a ele foi atribuída uma noção de força que se sobrepõe ao intelecto. Esse mesmo corpo provoca risos, porque sua leitura está vinculada com comparações que o animalizam.

Isto está relacionado com nossa história colonial e com nossos processos ideológicos presentes na cultura brasileira. Há uma crença social na inferioridade de negros em relação aos brancos. Podendo ser, facilmente, detectada nos setores de ensino, onde crianças negras são interpeladas, constantemente, por discriminações; sem que haja nenhuma forma de intervenção pelos educadores da instituição.

O espaço escolar reproduz o modelo de beleza branca/européia predominante nos meios de comunicação e na vida social. A ocorrência desses acontecimentos também na escola parece confirmar às crianças uma suposta superioridade do modelo humano branco. São acontecimentos que podem parecer apenas um detalhe do cotidiano pré-escolar, porém são reveladores de uma prática que pode prejudicar severamente o processo de socialização de crianças negras, imprimindo-lhes estigmas indeléveis [...] A ausência de atitude por parte de professores(as) sinaliza à criança discriminada que ela não pode contar com a cooperação de seus/suas educadores/as. Por outro lado, para as crianças que discrimina, sinaliza que ela pode repetir a sua ação visto que nada é feito, seu comportamento nem sequer é criticado. A conveniência por parte dos profissionais da educação banaliza a discriminação racial [...] Constata-se um sofrimento por parte da criança negra exposta diariamente à situação de violência, o que torna difícil a construção de uma identidade positiva. Simultaneamente, à criança branca é ensinada uma superioridade, visto que, todo dia, recebe uma prova farta dessa premissa. (CAVALLEIRO, 2007, p.146-147).

Poderíamos questionar por quê ainda nas relações sociais tantas formas de discriminações. Todavia, a intenção é demonstrar como as discriminações sofridas por negros (as) interferem nas construções de imagens positivas sobre suas características físicas, colocadas na sociedade como inferiores.

A escola tem sido nos estudos de relações raciais e de identidade negra identificada como instituição que inviabiliza construções positivas sobre ser negro(a). Nela perpetua-se idéias discrimináveis e racistas trazidas em relatos desse estudo e com frequência em outros<sup>7</sup>;

Na infância também dentro da escola, a escola eu acho que foi o principal lugar. Dentro de casa não, dentro de casa não era o lugar, a escola foi, principalmente, mas na rua que as crianças brincavam assim sempre tem uma coisa de zoação [...] Tinha do cabelo de bobs porque minha mãe também fazia bobs no meu cabelo e eu chegava lá ( escola) com aquele cabelo armado de bobs.

Ai sim “cabelo armado não sei o que” [...] Eu não gostava, eu já não gostava de usar bobs e ai quando alguém falava alguma coisa em relação cabelo por causa do bobs eu ficava mais sentida ainda mais por tá usando bobs a vida toda. Ai eu já não gostava, aquilo pra mim era uma coisa enorme, eu detestava.”(Monifa)

Na minha infância a imagem do meu cabelo sempre foi negativa porque nem todo mundo aceita a gente como a gente é, né? E amigos, aqueles amigos que a gente conhece, sempre falavam que meu cabelo era duro, tonhonoso, essas brincadeiras de mau gosto, né [...] a maioria foram amigos de colégio, amigos

---

7 Os cadernos do PENESB-UFF demonstram inúmeros estudos sobre relações raciais e espaços escolar.

de colégio de ensino fundamental, eles sempre brincavam e tinham umas brincadeiras chatas assim: Ai tonhonoso, se jogar ali bate e volta [...] Se jogar alguma coisa tipo uma bolinha de papel. Essas brincadeiras assim fazem com que a gente não goste do nosso cabelo, a gente passa a não gostar e a querer outro tipo de cabelo. As brincadeiras naturais eu não achava não, me incomodava, mas eu não demonstrava. Eu ficava pensando muito mas também não mostrava nem pra pai nem pra mãe, ficava com aquilo mesmo, me entristecia mas não era uma coisa de te deixar muito não. ( Sele)

Eu convivía só com a minha família sabe. Até ali eu era como todo mundo. E na escolinha não olha: Você é negra, você que tem o cabelo assim, então era horrível sabe. As próprias tias falavam: “Olha deixa o cabelo dela bem presinho” sempre achava que meu cabelo que tinha piolho. Eu nunca tive piolho a minha vida inteira. Sempre associando aquele o cabelo oh!”. E uma vez assim falaram que não queriam uma negra na escola e eles chegaram a me bater assim [...] E ai minha mãe fez um escândalo na escola e tal. E ai assim todos os funcionários começaram a me tratar com todos os dedos assim, não deixavam que ninguém se aproximasse de mim, que se não minha mãe ia colocar a escola na justiça, deu maior briga (Kesi).

Os fatos acima nos mostram que a identidade na pós-modernidade não está tão diluída e líquida como defendem alguns teóricos. A identidade branca está muito bem delineada nas falas. Ela é posta como o modelo referencial de nossa sociedade, o corpo branco não se líquida e seu legado não é negado como “*essencialismo*”. Não é considerado *essencialismo* ser branco (portar uma identidade branca), ser etnocêntrico, católico, cristão, usar o cabelo liso e herdeiro de fortuna oriunda de mão-de-obra escravizada. Mas é considerado *essencialismo* em muitos discursos; ser negro (tentar construir uma identidade negra), ser de religiosidade de matriz africana, usar cabelos “*afro*”, indumentária mais africana pertencer a movimentos de anti-racismo.

Interessante, observar os discursos entorno das questões de construção de identidade negra, que insistem em desconstruí qualquer forma de altivez identitária, perante ao massacre histórico que grupos africanos e afro-brasileiros (que carregam a *marca*, os considerados negros) passam em seu cotidiano. Tudo, que fazemos, torna-se *essencialismo* de uma maneira fulgaz!

Assim, falar de cabelo crespo como sinal diacrítico não é algo absurdo, quando pensamos sobre a construção da identidade negra. É importante nos debruçarmos sobre estudos que identificam essas problemáticas como cruciais para a implementação das Diretrizes e Bases de Implementação da lei da História e Cultura Africana e Afro-brasileira e pensar caminhos-soluções para tais, são questões imprescindíveis.

Uma fala chamou bastante atenção entorno das considerações sobre os usos do cabelo crespo por mulheres negras na transcrição das entrevistas.

Eu acho assim que a maioria das meninas negras que nunca usaram, assim o cabelo "*natural*", eu acho que elas deveriam dar essa chance assim pra elas mesmas de ser descobrirem. E ver, realmente, como é seu cabelo, de se encontrar, ver como é o cabelo e saber se ia gostar do seu cabelo naturalmente ou não, né, sem essa questão, assim, de sentir obrigada a usar o cabelo crespo, porque ela não tem que ter essa obrigação. Mas, se ela nunca teve essa experiência de usar o cabelo, que ela experimente isso, pra que possa ter opção, porque eu acho, se ela usa o cabelo, quimicamente, tratado desde criança, eu acho que ela nunca teve opção. É alternativa de uso de cabelo[. ..] Eu ficava com medo de deixar de para de usar química porque eu achava que meu cabelo fosse intensamente é crespo, e essa coisa assim de achar que o cabelo fosse intensamente crespo estava relacionado a achar que ele fosse intensamente feio também. Que eu ia ficar feia e eu fui descobrindo, cada dia que passa, eu tô descobrindo que ele é bonito, entendeu? Que eu posso usar ele assim, sentindo prazer e me sentindo linda, né. Claro que amanhã ou depois eu posso até voltar a usar química. Mas eu me sinto hoje uma pessoa que tá escolhendo. Então eu acho que a pessoa, que a menina negra que usa o cabelo desde criança quimicamente tratado, ela tem que ter essa alternativa de querer usar o cabelo crespo ou não, que na verdade elas não tem. Elas não têm essa alternativa porque é o tempo todo a mídia, e o social e a família o tempo todo dizendo como ela tem que usar o cabelo dela, que o cabelo dela tem que ser passado química, que ela pode usar o cabelo liso, cacheado, né, com prancha e tal, mas a química tem que tá ali, que ela não deve usar o cabelo natural, né, então eu acho que tem que ter direito a essa experiência, como eu (Layla).

A fala nos revela, que o uso do cabelo natural tornar-se um descobrimento, algo novo dentro do corpo. Fato novo e ligado há existência de construção de outra forma de se ver, querendo ou não está desconciliada de usar os cabelos lisos como o determinante e cansativo padrão branco de cabelos? Se as identidades negras não precisam serem marcadas como uma outra forma, ou como lugar de altero, porquê os cabelos continuam a demonstrar o hegemônico?

Verificamos a partir da fala sobre descoberta do “pelo” que há vários tipos de problemas de saúde relacionados aos usos excessivos de químicas que descaracterizam a estrutura física do cabelo;

Ai sofri ferida com guanidina<sup>8</sup> ai eu fiquei um ano sem fazer o cabelo e da vez que a mulher colocou alisante no meu cabelo [...] Ai eu não quis (mais passar nada), eu fiquei com medo de passar e meu cabelo cair porque ficou uma parte do meu cabelo toda grudada assim.[...] Foi uma vizinha que se dizia cabeleira e cortou meu cabelo e meu cabelo não tinha mais força. E pior que ela cortou bem curto de um jeito que não dava para prender . E assim se ele tivesse ficado cacheado assim ele não ficou cacheado e não ficou coisa nenhuma sabe? Eu só andava de boné(Kesi, simpaticante).

Quedas, muitas, muitas, já perdi até as contas. Queda, sempre tive muitas, principalmente quando troca de creme, de um tipo de tratamento pro outro. Ai tem que cortar o cabelo curtinho, ai o cabelo tende a cair também. Caiu muito meu cabelo. Já fui em salões que o negócio queimou minha cabeça e saiu com a cabeça toda ferida, já aconteceu, sim. Tudo isso ai já aconteceu

---

8 Alisante. Procedimento químico.

[...]Da última vez que eu saí da outra pessoa que tava alisando pra esse salão que tô agora não aconteceu mais não, não aconteceu mais não [...] Dependendo do tratamento químico, sim, me arrependia bastante de ter feito. Mas depois de feito você não podia recorrer a nada, a mais nada, outras eu me arrependia sim, mas outras passava direto.(Monifa)

## **O cabelo natural versus identidade mestiça.**

Não discuto que a era das globalizações nos trouxe mais questões acerca do estabelecimento de identidades, contudo, continuamos cercados de velhas questões por exemplo: a identidade mestiça. Munanga (2006) concebe “a mestiçagem como uma troca ou um fluxo de genes de intensidade e duração variáveis entre populações mais ou menos constatadas biologicamente”. Apresenta o fenômeno da mestiçagem como um ponto de vista populacional onde há menos implicações ideológicas do que na abordagem raciologista<sup>9</sup>. Em termos históricos objetivos, a constituição da categoria mestiça foi base da estratégia de desarticulação das identidades. Assim, os indivíduos negavam seu lado racial negro e sua descendência africana.

Entendendo que no Brasil, o que importa é a aparência, negros com tez mais escura e traços negróides mais visíveis são considerados negros em todos os momentos; e não apenas na hora dos conflitos como as discussões e brincadeiras. Porém negros com tez mais clara, que em muitos casos são considerados até brancos, quando possuem sinais diacríticos como cabelos bem crespos, “carapinha”<sup>10</sup>, sofrem os mesmos tipos de preconceito relacionados ao corpo dos negros mais escuros e de extermínios.

Nesse sentido, ser negro é o reconhecimento de um lugar, não fixo como pode parecer, mas é saber que há um lugar. Pode-se a partir do momento que se reconhece como negro encontra formas, hábitos, valores éticos-morais de ser para além do racismo. Ser, enquanto sujeito que carregam uma história ligada a um processo diásporico evidente. E como destaca Sodré (1999), ter compromisso-parceira com o outro.

Pensando o cabelo crespo do negro, tanto preto como aquele visto como

---

<sup>9</sup> O termo é cunhado sobre o interesse nas grandes raças onde sua abordagem leva a invocar a mestiçagem quando seu método causa problema. Baseia-se na divisão da espécie humana em grandes raças. (Munanga, 2006).

<sup>10</sup> Cabelo bem crespo, segundo algumas entrevistadas o original do negro. Um cabelo crespo muito fácil de ser trançado e de fazer *dreadlocks*. Ver foto no anexo.

mestiço, nessa situação de construção de ser negro, independente da cor da pele, é um elemento importante na construção de identidades negras. Sabendo-se que é no corpo que a identidade, preferencialmente é marcada. Para Lody:

O cabelo é um marcante indício de prodeência étnica, é um dos principais elementos biotipológicos na construção de pessoa na cultura. O negro quando assume o seu cabelo de negro assume também o seu papel na sociedade como uma pessoa negra. E ser negro no Brasil e no mundo, convenhamos, é ainda um duro caminho trilhado por milhares de afro descendentes. (LODY, 2004, p. 125)

Através das considerações de Lody, podemos pensar como o cabelo quando assumido crespo trazer um lugar até para o mestiços. Assumir o cabelo crespo com a pele clara é assumir uma outra posição no jogo identitário e, principalmente um lugar-negro como nos trazem as falas a baixo:

A minha descoberta de que eu sou negra é muito recente, sabe? Muito mesmo, coisa de dois, no máximo três anos. Havia vários incômodos, mas que eu resignificava no negócio da Psicanalítica, eu dava outro significado que não o racismo. Ai isso aconteceu porque eu sou pobre, favelada, ai isso aconteceu porque eu não sou bonita. Não porque eu não era bonita, porque assim nessa coisa que a gente tem de uma beleza branca, eu não sou bonita porque eu tenho a perna torta, não sou bonita porque eu sou gorda mas não porque assim, eu sou espinhenta. Mas não porque eu era negra, isso nunca foi esfregado pra mim.

Depois que eu parei de fazer (os cabelos), foi a primeira libertação que tive, foi o cabelo, não foi ler livro, não foi conversar, não foi ter amigas negras que se diziam negras, não foi e eu evitava. Foi um processo muito mais assim de relação com meu cabelo. E também componente de afirmação e reconhecimento de uma identidade negra. (Mondisa).

Depois que elas (primas) conheceram o pessoal e tal (pessoas do movimento negro). Ai agente começou a mudar mesmo. Essa conjuntura (de beleza) assim mas antes não, antes não [...] Porque quando eu era...principalmente quando eu era criança né o padrão de beleza não é ter o cabelão cheio, você se toda desconjuntada, você tem que ser igual a uma princesa, ter cabelo louro, liso, escorrido, olho azul.[...] Então me assumir como mulher negra, é isso que me faz realmente assumir meu cabelo, a gostar do meu cabelo. Hoje em dia eu gosto de verdade do meu cabelo, eu acho ele lindo. Coisa que antes eu não achava, porque eu não tinha acesso a informação de que agente é construído para não achar o nosso cabelo bonito. (Kinda)

As falas acima são de duas mulheres negras de pele clara, cabelo cacheados e visto por muitos como mulheres mestiças. Entretanto, se consideram negras por possuírem cabelos que consideram crespo, traços físicos e por uma concepção política. Entendemos assim, que ser negro dentro do jogo de construção identitário não é apenas uma questão de cor da pele escura, ou seja, possuir uma pele escura e sim uma posição de identificação. O cabelo nesse jogo ganha um papel fundamental de afirmação de uma identidade negada, subalternizada e escamoteada por aparelhos ideológicos como

observar Sodré:

A questão do cabelo parece constituir uma espécie de índice semiótico da revalorização identitária. [...] É compreensível que o cabelo possa aparecer em qualquer lugar como marca forte da diferença fenotípica entre claros e escuros. Nos Estados Unidos, pedagogos vêm recomendando às escolas a adoção do livro *Nappy Hair* (Cabelo de Lanugem), de Caroline Herron, que descreve as vicissitudes emocionais de uma garota, envergonhada pelos cabelos crespos, até a auto-aceitação.

Mas no Brasil este é um aspecto carregado de simbolismo todo especial. Pode-se evocar a fantasia literário-"científica" de Monteiro Lobato, assim como atentar para o que diz uma antropóloga: "É um equívoco colocar a cor como traço principal da raça. A cor da pele não importa tanto quanto o tipo de cabelo, pois o cabelo liso-ondulado e comprido sempre codifica a mulher "escura" como mulata"

Na verdade, a observação empírica das relações sociais demonstra que importam a cor e o cabelo. Mas o senso comum, a canção popular, a ansiedade visível no que diz respeito a cabelos- tudo isso parece corroborar a idéia de que o pelo é de algum modo estratégico na revalorização identitária. Um anúncio publicitário de produto capilar publicado na revista *Raça* definia cabelo como "espelho da alma". Até mesmo o nome de uma pesquisa de mercado – "Qual é o pente que te penteia", verso de uma canção popular-revela-se sintomático. (SODRÉ, 1999, p. 254)

### **As imagens do hoje sobre o cabelo: interferências dos movimentos negros.**

Abaixo colocamos alguns relatos que elucidam o papel dos movimentos negros para construção de outras identidades negras pautadas em valorização das características físicas. Relatos que carregam em seu discurso o projeto político de beleza criado pelos movimentos negros criados na década de sessenta e setenta do século XX.

Depois que elas (primas) conheceram o pessoal e tal (pessoas do movimento negro). Ai agente começou a mudar mesmo. Essa conjuntura (de beleza) assim mas antes não, antes não [...] Porque quando eu era...principalmente quando eu era criança né o padrão de beleza não é ter o cabelão cheio, você se toda desconjuntada, você tem que ser igual a uma princesa, ter cabelo louro, liso, escorrido, olho azul.[...] Então me assumir como mulher negra, é isso que me faz realmente assumir meu cabelo, a gostar do meu cabelo. Hoje em dia eu gosto de verdade do meu cabelo, eu acho ele lindo. Coisa que antes eu não achava, porque eu não tinha acesso a informação de que agente é construído para não achar o nosso cabelo bonito. (Kinda)

“Eu acho lindo, assim, eu acho que eu consegui romper com aquela coisa: “Ai quem tem cabelo black power, cabelo black e tal é pessoa que não gosta do cabelo” Porque é bem isso, pô, como assim, cabelo black não é arrumado, cabelo de dread não é cabelo arrumado? Eu aprendi a gostar, eu aprendi a achar bonito.” (Kesi)

A partir do momento que você deixa o cabelo crespo “afro”, é isso. Você tá se abrindo para o enfrentamento do racismo, que não é um enfrentamento fácil. É saber que você vai ser perseguido dentro de uma loja de conveniência, dentro do ônibus, o único lugar vago é ao seu lado e a pessoa não senta porque você tá com o cabelo em pé. Sei lá, você causa espanto e as pessoas olham pra você

com olhar atravessado. E ai, a partir do momento que você deixa seu cabelo afro, eu entendo dessa forma, que você tá dizendo “Olha, eu sei que sou preto, sabe? E tô aqui, tô pra brigar”. Mas é uma briga, é uma briga que desgasta, que causa dor e deixa seqüelas. Infelizmente assumir-se preto é passar por esses tipos de enfrentamento.

Eu acho que quando o negro alisa o cabelo é mais fácil né porque o branco entende que você tá se esforçando pra ser limpinha, pra ser aceito. Então é você acaba criando uma máscara de proteção. Porque tem alguns pretos e algumas pretas que sabem que são pretos e que ainda assim optam por não deixar o cabelo natural, preferem manter o cabelo com uma escova progressiva, preferem ir ao Beleza Natural porque tá na moda. E ai eu acho que isso blinda você porque ninguém quer passar por esses tipos de constrangimentos todos os dias. Para não aparecer muito agressivo né. Agente acaba se mascarando. E eu penso que isso seja um dos principais motivos ou porque está em toda ignorância de si, porque sempre ouviu que o cabelo é duro. Então você não aprende a amar seu cabelo. Acho que isso. (Ialodé, militante).

“Olha, sabendo como deixá-lo (os cabelos crespos afros) eles são bonitos. Porque eu tenho visto na faculdade. E quando agente começa a sair e conhecer outras pessoas e sai daquele mudinho, agente vê que o cabelo afro é bonito e os penteados (Sele).

Percebemos que a campanha de beleza negra realizada há cerca de trintas pelos movimentos negros deixou seus legados para as gerações atuais, e que esse discurso está presente em espaços sociais diversos como faculdade, movimentos negros e revistas. No entanto, o fenômeno não cria consciência total da situação que as populações negras se encontram, mas possibilitam outros olhares sobre o cabelo que até então eram referenciados e pensados como lugares de feiura pelas nossas entrevistadas.

### **Considerações Finais.**

Dentro da construção identitária negra, o corpo ganha um papel imprescindível como podemos ver. Nele os indivíduos demarcam suas espacialidades, seus lugares, seu ser. O cabelo da cabeça nesse esquema é um forte elemento construtivo por aparecer e ser lugar de simbologias variáveis nas culturas. O cabelo crespo do negro têm um papel importante na construção identitária, sobretudo porque ele é visto e colocado como alvo de discriminação. Dentro das discursões de identificação, identidade, personalidade o cabelo do negro opera com questões de formação social e ontológica. Ele demonstra o potencial criativo do sujeito como seu potencial destrutivo, e também é alvo de questionamentos por seus diversos usos, seja alisado ou em formas "afro"

Portar um corpo negro dentro de uma sociedade racista, colonial, que imprime no negro uma negação consciente e inconsciente é uma batalha diária. Ser negro e ter cabelos crespos e está conectado, a todo momento com questões políticas. Por mais que



não se queira elas chegam até o negro, seja o colocando como alvo de esteriótipos ou como aquele sujeito de quem se espera uma posição sobre ser negro no mundo. O negro é sempre essencializado em suas atitudes (HALL, 2009).

Sendo sempre sendo alvo de pré-conceitos sobre o seu agir, o negro cria estratégias de diluição, que apagam do seu corpo a memória e a aparência de sua origem. Alisar cabelos está permeado de valores hegemônicos de dominação colonizante. O ato de alisar não é simplesmente, um recurso da modernidade, alisar cabelos é submeter-se a ditos, ordenamentos, concepções eugênicas e negação de si quando nem se conhecer o ser.

Os relatos nos mostraram que o cabelo é elemento, imprescindível, na construção de uma identidade negra moderna ou pós-moderna. E que os "problemas" relacionados a ele vem carregados de discriminações e racismo. Alisar ou não alisar não é a principal questão e sim porque todos alisam? Por que o alisar está incluído em depreciar a si e a seu fenótipo.

A "descoberta" de beleza em fios crespos, no corpo negro, está conjecturada num discurso oriundo de movimentos negros mundiais e nacionais. Mas deixar o cabelo "afro" não é só resultado de discursões políticas como trouxe a fala de Mondisa e sim num está bem consigo, que ai pode representar um não lugar estabelecido de ser negra, mas sim de ser uma pessoa que não quer utilizar recurso químicos perigosos sobre o corpo. Necessariamente, deixar de alisar não é um ato de discursão política e sim um ato de busca de práticas corporais, que não precisam de produtos químicos que descaracterizam as características físicas dos sujeitos.

No entanto, o presente trabalho verificou que o uso do cabelo representa, expressivamente, a construção de uma forma de identidade negra pautada no corpo. O corpo como coloca Hall "... foi o único capital cultural que tínhamos. Temos trabalhado em nós mesmos como telas de representação "(HALL, 2009, p. 324). Percebemos no corpo-cabelo criação de estratégias de sobrevivências pautadas em construção de identidades positivas e não negativas sobre ser/negro.

A construção da identidade das mulheres negras, em relação com o cabelo crespo, passou por processos de negação das características negras, de negação do corpo/cabelo. Processos que ocorreram por mecanismos de introjeção de inferiorização no ambiente escolar e familiar. Neles as mulheres negras aprenderam, como todo indivíduo social, a pensar os cabelos crespos enquanto ruins e de difíceis cuidados.

Através da relação com os "outros" (nas escolas e famílias), as entrevistadas

foram aprendendo a não gostar de seus cabelos do jeito em que se apresentavam fisicamente. Sobre os cabelos, exerceram várias formas de rejeição, seja repetido as falas de que eles eram ruins mesmo, duros, rebeldes, seja não conseguindo olhar para eles quando começavam a crescer e mostrar a raiz crespa, seja manipulando com procedimentos químicos agressivos que causavam danos à saúde do couro cabeludo.

Todos os processos de construção das entrevistadas durante a infância e adolescência foram interpretados como processos de rejeição, que ocorriam através da internalização de valores negativos sobre os cabelos/corpos (SOUZA, 1983; GOMES, 2006).

A identidade negra formulada pelas mulheres em torno do cabelo, em torno de seus corpos, passou pelo que Gomes (2006) chamou de processo de rejeição/aceitação e ressignificação/recriação. As maneiras como estes processos ocorreram seguem similaridades em dois grupos: mulheres negras com cabelos ditos como “naturais” e mulheres negras com cabelos quimicamente tratados.

### Referências

- BRASIL, Ministério da Educação. Lei 10.639 de 2003. Brasília: Ministério da Educação, 2003.
- FANON, Frantz. *Pele negra máscaras brancas*. Salvador: EDUFBA, 2008.
- GOMES, Nilma Lino. Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou ressignificação cultural? *Revista Brasileira de Educação, Campinas*, n.21, p.40-51, set/out/nov./dez. 2002
- \_\_\_\_\_ **Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolo da identidade negra**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- GUIMARÃES, Antonio Sérgio; HUNTLEY, Lynn. (orgs). *Tirando a máscara. Ensaios sobre racismo no Brasil*. São Paulo: Paz e Terra, 2000
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 5 ed. Rio de Janeiro: DPA, 2001.
- HOOKS, Bell. Alisando o nosso cabelo. Cuba: *Revista Gazeta de Cuba- Unión de escritores y artista de Cuba*, jan./fev/, 2005. Tradução de: Lia Maria dos Santos.
- INOCÊNCIO, Nelson Olokofá. **Corpo negro na cultura visual brasileira**. Educação Africanidades Brasil, v.1, Brasília: CEAD, 2006, pp. 185-191.
- LEACH, Edmund. O cabelo mágico. In: DA MATA, Roberto (Org.). **Coleção Grandes Cientistas Sociais**. São Paulo, n.38, p.139-169, 1983.

LOBO, Lilia Ferreira. “Corpo cativo e corpo assujeitado: as marcas da deficiência” In: \_\_\_\_\_. **Os infames da História: pobres, escravos e deficientes no Brasil**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008, pp. 127-242.

LODY, Raul. **Cabelos de axé: identidade e resistência**. Rio de Janeiro: Ed. SENAC Nacional, 2004.

MALACHIAS, Rosângela. **Cabelo Bom. Cabelo Ruim**. Coleção percepções da diferenças. Negros e brancos na escola. Vol. 4, São Paulo: NEINB, 2007.

MALYSSE, Stéphane Rémy. “**Extensões do feminino**”: Megahair, baianidade e preconceito capilar. [S.l]: [s.n], 200?. Disponível em <w.w.w.googleacademico.com.br>. Acesso: 20/03/2011.

MAUSS, Marcel. Noção de Técnica Corporal. In: **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: EDUSP, 1974.p.209-230. Tradução de Mauro W. B. de Almeida.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra**. 2. Ed. 1. Reimpressão. Belo Horizonte: Autentica, 2006.

NOGUEIRA, Oracy. *Tanto preto quanto branco: estudos de relações raciais*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1985.

PAIXÃO, Marli Madalena Estrela. **Uma rosa para meus cabelos crespos: experiências estéticas e políticas da imagem**. Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais, UFMA, 2008.

SABINO, Cesar. A louridade da loura. In: GOLDENBERG, Mirian ( Org.) *O corpo como capital: estudos sobre gênero, sexualidade e moda na cultural brasileira*. Barueri, SP: Estação das Letras e Cores Editora, 2007.

SANTOS, Jocélio Teles dos. **O negro no espelho: imagens e discursos nos salões de beleza étnico**. São Paulo: FFLCH/USP, 1996.

SANTOS, Luane Bento dos. “**Para ficar bonita tem que sofrer!**” : A construção de identidade capilar para mulheres negras no Nível Superior. 2010. Monografia. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

SANTOS, Tanimara Elias. **Corporalidade e identidades políticas: análise de elementos estéticos em mulheres negras do Distrito Federal**. 2009. Monografia. Instituto de Ciências Sociais. Universidade de Brasília. Brasília.

SODRÉ, Muniz. *Claros e escuros: identidade, povo e mídia no Brasil*. Petrópolis, RJ:

Vozes, 1999.

WALKER, Alice. Cabelo Oprimido é um teto para o cérebro. In: **Vivendo pela palavra**. São Paulo: Rocco, 1988.

WOODWARD, Kathyn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença: A perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. p.7-39. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva.